

DIVERSIFICANDO NEGÓCIOS: UMA ANÁLISE DA ELITE ACIONISTA DO BANCO PELOTENSE (1919)

KEVIN RETZLAFF¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) 1 – kevinretzlaff1@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) 2 – jonasmvargas@yahoo.com.br

1.INTRODUÇÃO

A análise neste resumo apresentada faz parte de meu projeto de pesquisa no Programa de Pós Graduação em História pela UFPel, e falará a respeito do período final do século XIX e inicial do XX, conhecido na historiografia como Primeira Republica, exatamente em um momento da história onde o país deixa de ser um império e passa a organizar-se como república pós-1989.

Em meio a este cenário, no ano de 1906, é fundado¹ na cidade o Banco Pelotense, um empreendimento ligado a cinco incorporadores, Coronel Alberto Roberto da Rosa, Dr. Joaquim Augusto de Assumpção, Eduardo Candido Siqueira, Plotino Amaro Duarte e Francisco Antunes Gomes da Costa (Barão de Arroio Grande), todos conhecidos nomes da elite econômica local, ligados aos mais variados ramos de negócio na cidade e por toda região, inclusive atuando também no campo político, como nos casos de Alberto rosa que atuou como deputado estadual, e de Joaquim Assumpção, senador² da República entre 1912-1915.

Se durante a maior parte do século XIX Pelotas viu sua indústria charqueadora ditar o ritmo da economia local, coincidiu com o fim do Império brasileiro uma vertiginosa queda na produção de charque. Sendo assim, uma elite que foi formada no entorno deste ramo de negócios viu seu principal meio de proventos se esvaír, o que levou grandes fortunas a bancarrota. Embora a perda econômica de alguns membros dessa elite pareça simples de diagnosticar, uma vez que as charqueadas entraram em declínio de produção, nos questionamos os motivos pelos quais a crise afetou mais alguns do que a outros.

Pois ao fundar o próprio banco parte dessa elite demonstra um poderio financeiro muito grande, o que destoa das leituras de que a cidade de Pelotas sem as charqueadas teria quase que de uma hora para outra perdido completamente o poder econômico. O que teria sido predominante para que esta parte da elite passasse incólume em meio a crise? Que papel teve o Banco Pelotense em meio a este cenário? Quem eram seus acionistas? E de que forma podemos traçar um perfil comum em termos de investimentos financeiros a este grupo?

Estas são algumas das questões que norteiam esta pesquisa. Na busca de trabalhos dentro do campo da história que poderiam vir a sanar alguns pontos de questionamentos, nos deparamos com uma certa deficiência historiográfica no que

¹ Ver, A Federação, ed.41, 1906.

²Consultar, <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/ASSUN%C3%87%C3%83%C2%0Ajoaquim%20Augusto%20de.pdf>

diz respeito a uma análise social do Banco Pelotense. Valendo aqui ressaltar o trabalho de Eugenio Lagemann³ como o mais robusto no sentido de aprofundamento em fontes ligadas diretamente ao banco. Por ser fruto de sua dissertação na pós Graduação em economia, o trabalho acaba aprofundando-se mais nas questões financeiras e menos nas humanas, e pouco adentra na biografia dos indivíduos ligados a instituição, o que é compreensível, uma vez que o foco de seu trabalho foi justamente a atuação financeira do Pelotense.

Sendo assim, com exceção de pequenos trabalhos que perpassam de forma pouco aprofundada as questões que envolvem o Banco Pelotense, acreditamos que a realização desta pesquisa acaba tornando-se necessária para preencher uma lacuna historiográfica deixada durante os últimos anos, e pretendemos com nossa análise social do Pelotense compreender os mecanismo que favoreceram parte da elite local.

2.METODOLOGIA

Para o trabalho presente neste resumo utilizamos como principal fonte a lista de acionistas do Banco Pelotense no ano de 1919. A lista encontrava-se presente no relatório anual que a diretoria do banco disponibilizava aos seus acionistas, esta lista contém todos os acionistas e a quantidade de ações que cada um possuía naquele ano. Partindo então destes nomes, buscamos reduzir o grupo a ser analisado, uma vez que existiam em 1919 um número de 472 acionistas, o que tornaria a pesquisa inviável. Após estabelecer um recorte, optamos por trabalhar apenas com indivíduos que possuíam mais de mil ações, o que nos levou ao grupo de 12 nomes.

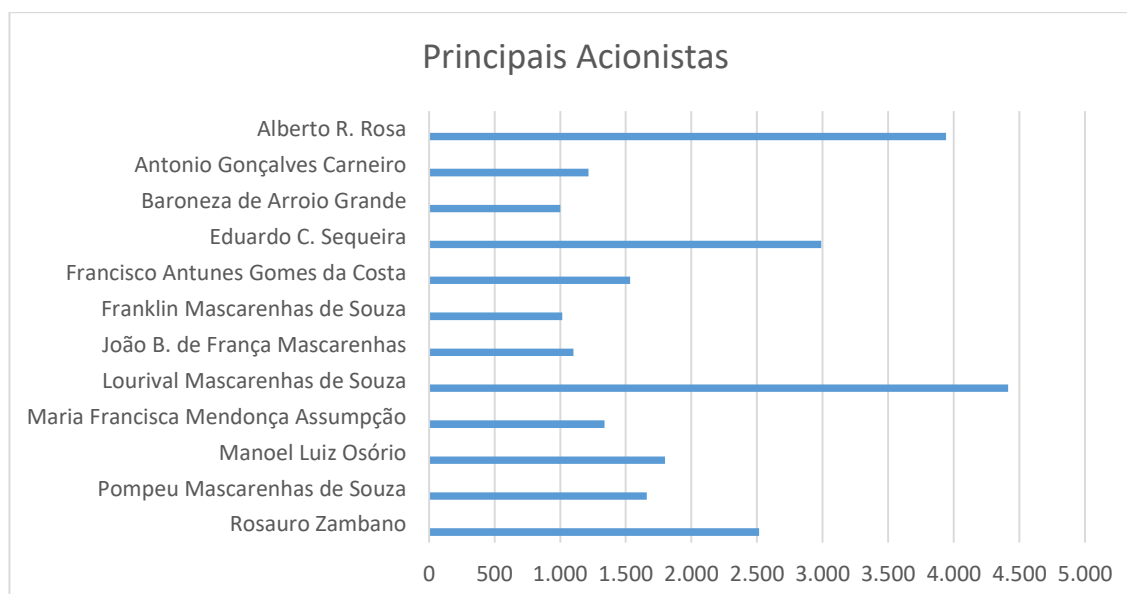
Embora a metodologia inicial da pesquisa tenha nos levado a um lado mais quantitativos de dados, por si só eles não trazem respostas para nossos questionamentos quanto a atuação social dos indivíduos ligados ao Banco Pelotense, tão pouco conseguimos delimitar semelhanças a determinado grupo. Para organizar estas informações a fim de entender o grupo, utilizaremos futuramente o método prosopografico, onde estes dados, unidos a outros que já estão sendo analisados, nos ajudarão traçar um perfil com semelhanças para estes homens e mulheres de negócios, semelhanças estas que possivelmente são a resposta para o grupo ter prosperado em conjunto.

O método prosopografico de análise é descrito por Chistophe Charle da seguinte forma:

Seu Princípio é simples: definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão a descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica, ou política, segundo a população e o questionário em análise (CHARLE, 2006, p.41).

³ Ver, LAGEMANN, Eugênio. **O Banco Pelotense & o Sistema Financeiro Regional**. Porto Alegre: ed. Mercado Aberto, 1985.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



No ano de 1919 o Banco Pelotense contava com 150.000 ações comercializadas, sendo que, quando somadas, as ações pertencentes a este grupo de 12 maiores acionista chega a 24.513, ou seja, 3% dos acionistas detinham 33% do montante total de ações. Esse fato nos leva a delimitar este como um grupo de elite que consegue se sobressair mesmo quando comparado a outros indivíduos pertencentes a mesma classe.

Ao nos aprofundarmos na biografia destes 12 atores sociais destacados na tabela acima, encontramos singularidades que podem indicar os motivos de todos prosperarem em certa medida. O que mais chama atenção é a diversificação dos negócios destes acionistas, todos de alguma forma espalhavam seu capital pelos mais diversos ramos, potencializando assim seus ganhos e tendo margem para aguentar algum tipo de revés, como no caso das charqueadas, onde mesmo com a crise esses indivíduos conseguiram se manter e prosperar financeiramente.

Encontramos em nossa pesquisa casos onde acionistas desta lista de 12 nomes atuam em conjunto como investidores em outros empreendimentos, evidenciando uma certa união para direcionar seu capital financeiro, excluindo assim margens para o acaso ao encontrarmos seus nomes presentes entre acionistas e donos em conjunto dos mais diversos negócios. Podemos citar aqui como exemplo desta união o caso da Companhia de Fiação e Tecidos Pelotense, analisada por Cíntia Essinger⁴, onde Plotino Duarte, Alberto Rosa e o Barão de Arroio grande, atuam como fundadores desta que seria uma das maiores empresas da indústria pelotense mais a frente.

4. CONCLUSÕES

Trabalhos como o de Eugenio, e também o de Sandra Pesavento⁵ colocam os fundadores do banco pelotense como fundamentalmente agropecuaristas que criaram

⁴ Ver, ESSINGER, Cíntia Vieira. Entre a fábrica e a rua: A Companhia de fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário. Bairro Varzea, Pelotas (1953-1974). Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009

⁵ Ver, PESAVENTO, Sandra Jathay. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

a instituição a fim de atender a demanda desta classe. De fato, muitos eram agropecuaristas, mas acreditamos que esta pesquisa, no presente estágio em que se encontra, pode ajudar a mudar esta visão, pois não trata-se de colocar indivíduos em caixas a fim de rotulá-los, e sim de compreender que estes eram homens e mulheres de negócios dos mais diversos, e não apenas do setor agropastoril.

Entendemos que ao olhar sob essa ótica nos poderemos compreender melhor as ações destes indivíduos enquanto seres sociais, e que estas ações geram consequências não só para este grupo, mas para quem dele se cerca. Por fazer parte de um trabalho mais amplo, a análise até aqui apresentada encontra-se em estágio de construção, e ainda será acrescentada de novas fontes que nos ajudarão a ampliar ainda mais nossa visões sobre a elite pelotense do período.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARLE, Christophe; LALOUETTE, Jacqueline. História das elites e método prosopográfico. In: HEINZ, Flávio (Org.). Por outra história das elites. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Cap.1, p. 17-75.
- ESSINGER, Cíntia Vieira. Entre a fábrica e a rua: A Companhia de fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário. Bairro Varzêa, Pelotas (1953-1974). Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009
- LAGEMANN, Eugênio. O Banco Pelotense & o Sistema Financeiro Regional. Porto Alegre: ed. Mercado Aberto, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.